

CRÍTICA TEATRO | DOCE ÁRIDO

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Há uma engenharia dramática, na qual os dramaturgos exibem suas habilidades para organizarem seus conflitos, diálogos e personagens, elementos que estruturam verdadeira obra teatral. Em “Doce Árido”, Tairone Vale revela-se um expert na construção autoral, posicionando seu texto na galeria dos melhores do ano na cena carioca. Implementa uma reviravolta da narrativa, cuja inteligência cênica abarca e impacta a audiência. A violência contra a mulher, traumas, opressões, estabelecem uma engrenagem dramática que desagua em relações familiares conturbadas, sinalizando dores de um isolamento rural.

Um encontro de gerações debruça-se numa rotina árdua de trabalho, diante da miséria em que vivem, com mulheres sem perspectiva, na luta por alguma dignidade. A peça atenta-nos para o descaso com gente rústica que vive desassistida de conhecimento e serviços de saúde, configurando tragicidade por vezes patética, imprimindo humor angustiante.

O diretor articula um espetáculo poético para sua viagem empírica e inóspita, suavizada por uma montagem sensível. Estipula silêncios aterradores que irrompem as vísceras, além de elaborar marcas que valorizam a dramaticidade. Um movimento aflitivo enquanto exaurem-se na feitura de doces gera um dos belos momentos da encenação, onde tachos aéreos permanecem acima das personagens, sufocando



As três intérpretes de ‘Doce Árido’ impressionam pelo timing que nunca se perde entre elas

Carpintaria poética

a própria existência. A cena em que a jovem Maria Lúcia revolta-se e destrói a mercadoria é outro acerto com efeito teatral.

As três intérpretes impressionam pelo timing que nunca se perde entre elas. Pri Helena institui

força e carisma cativante. Mistura dor e potência, alternando ideias que parecem inconclusivas, manifestando extrema humanidade em sua Maria Antônia. A atriz possui um semblante que favorece a esfera dramática. Na primeira metade do

espetáculo, Rebeca Figueiredo desenha contenção, já que sua Maria Lúcia encontra-se medicada. Na sequência toma as rédeas e brilha, costurando filigranas de interpretação em alto nível. A Maria Quitéria de Layla Paganini tem personalidade, expressando humor e sagacidade naquela áspera temática.

A carpintaria cenográfica de Cris Bourgeois assombra e demarca sofrimento. Um platô desvela pobreza com porta e vidraças estilhaçadas, além de cordas vermelhas – como se artérias e veias estivessem expostas, escorando utensílio culinário. Em dado momento, desta-

ca-se e toma vida, determinando atmosfera onírica repleta de apelo visual, como um navio que naufraga em terra firme e vidas afundam vagarosa e poeticamente. O figurino, da mesma, é simplório, adequadamente. A luz de Nitay Krishna trafega entre o luar e o sol diário que dá cansaço, mas não aquece a alma naquele inverno sombrio. A trilha de Laura Jannuzzi passeia entre a viola caipira e flauta corroborando o clima doloroso.

Em definição aristotélica, o teatro imita a vida no sentido de recriação e não de cópia literal. “Doce Árido” abusa disso com maestria!

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Beti Niemeyer/Divulgação



Viva Othon Bastos!

Sucesso de público e crítica, o monólogo “Não Me Entrego Não!” inicia neste fim de semana temporada popular no Imperator, no Méier, e segue no próximo fim de semana para o Teatro Arthur Azevedo, em Campo Grande. No espetáculo, com texto e direção de Flávio, Othon Bastos, aos 93 anos, revive sete décadas dedicadas ao ofício de atuar. A premiada montagem estreou em 2024, já foi encenada em diversas cidades brasileiras e ultrapassou a marca de 250 apresentações. Othon Bastos é um monumento vivo de nossa cultura!

Josélia Frazão/Divulgação



Obra atemporal de Boal

Dirigido por Wellington Fagner, “Revolução na América do Sul”, um dos primeiros textos de Augusto Boal (1931-2009), chega ao Teatro Poeirinha, em Botafogo, onde permanece em cartaz até 21 de outubro. É a primeira temporada regular de uma montagem cuja trajetória começou antes da pandemia e passou pelo ambiente virtual. “A montagem busca atualizar o clássico de Boal entendendo que, embora o texto original seja datado em seu contexto histórico, a encenação e as dores da classe trabalhadora permanecem urgentes”, diz o diretor.

Renato Mangolin/Divulgação



A humanidade em 2m²

A Dobra Teatro celebra 15 anos trazendo de volta aos palcos cariocas ‘Hominus Brasilis’, espetáculo que transforma corpos e vozes em cenário para uma viagem pela história da humanidade, do Big Bang aos tempos atuais. A ação transcorre com os atores Diego de Abreu, Helena Marques, Mariana Fausto e Matheus Lima em cima de um tablado de 2 metros quadrados construindo uma narrativa nascida de uma longa pesquisa cênica desenvolvida pelo grupo. Em cartaz até o dia 24 no Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto, no Humaitá.